

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS DE BACABAL - CCBa  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA**

**BRENDA RAYANNE CARDOSO NEVES**

**UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA NO “LEVIATÃ” DE THOMAS HOBBS**

**BACABAL**

**2023**

**BRENDA RAYANNE CARDOSO NEVES**

**UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA NO “LEVIATÃ” DE THOMAS HOBBS**

Monografia apresentada ao curso de Graduação em Ciências Humanas, da Universidade Federal do Maranhão – Campus III - Bacabal , como requisito para obtenção do grau de licenciada em Ciências Humanas com Habilitação em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. João Caetano Linhares.

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Neves, Brenda Rayanne Cardoso.

Uma Antropologia Filosófica no “Leviatã” de Thomas Hobbes. /

Brenda Rayanne Cardoso Neves. -2023. 40

f.

Orientador(a): Prof. Dr. João Caetano Linhares.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, Bacabal, 2023.

1. Antropologia Filófica. 2. Sensações e Movimento Vital. 3. Estado Natural e Leis Naturais.

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

**BRENDA RAYANNE CARDOSO NEVES**

**UMA ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA NO “LEVIATÁ” DE THOMAS HOBBS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. João Caetano Linhares (Orientador) Universidade Federal do Maranhão

---

(1ª Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

---

(2ª Examinador)

Universidade Federal do Maranhão

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho e demais conquistas que vir, a minha querida Mãe, por seu carinho, por tudo que ela é e por toda sua dedicação em fazer o bem a todos que estão a sua volta. Graças ao seu esforço em me amar imensamente que hoje posso concluir o meu curso.

## AGRADECIMENTOS

Deixo meus agradecimentos a todos com os quais convivi durante a escrita deste trabalho, agradeço imensamente o apoio, força e encorajamento de todos os amigos, família, e as pessoas que, nos termos de Hobbes, colaboram para a manutenção do meu movimento vital.

Quero agradecer principalmente minha mãe, Regiane da Silva Cardoso De Melo, por ser o meu porto seguro e estar ao meu lado em todas as horas da minha vida, a minha namorada Julia Glória de Souza Batista por ouvir pacientemente cada descoberta filosófica, por se emocionar comigo cada vez que avancei nessa pesquisa e estar comigo na composição deste trabalho, ao meu Orientador, João Caetano Linhares, principalmente por seu incentivo otimista e verdadeiro, pelas orientações, sem quais não teria conhecido este autor, por me incluir em seu grupo de estudo onde pude viver a universidade com mais afinco. Aos meus colegas do grupo de estudo Hermeneutics Studies pelas contribuições filosóficas, pelas amizades construídas em nossos encontros e a Universidade Federal do Maranhão pela oportunidade que me foi concedida.

## RESUMO

O papel fundante da Antropologia Filosófica é refletir racionalmente e universalmente acerca do que é homem. Este trabalho tem por intuito analisar como no pensamento do filósofo Thomas Hobbes na primeira parte da sua obra *Leviatã* essa questão aparece. Para isso faremos primeiramente uma retomada histórica do que seria a antropologia filosófica à luz do pensamento ocidental tendo como base o autor Lima Vaz em seu livro *Antropologia Filosófica I*. Quanto a obra principal para construção deste trabalho, foi primordialmente o livro *Leviatã*, especificamente a primeira parte intitulada: *do Homem*, onde o trabalho objetiva investigar como Hobbes estrutura e explica sua perspectiva acerca do homem. Tanto no que diz respeito a suas formas de conhecer, de se organizar em sociedade bem como seus anseios individuais, e em especial sua moralidade naturalmente egoísta, que condiciona suas ações de maneira a assegurar para si, em detrimento dos outros, as condições de sua subsistência o que cria segundo Hobbes um estado de guerra de todos contra todos. Para justificar sua teoria, Hobbes explica como funciona o processo cognitivo humano, ou seja, sua capacidade de conhecer, de perceber, de entender as coisas. Somente depois explica o que o homem faz com essas informações absorvidas. No decorrer, apresento o pensamento do autor no que diz respeito a sua tese de condição natural humana. E sua justificação da necessidade do poder coercitivo do Estado.

**Palavras-chave:** Antropologia Filosófica; Sensações; Movimento Vital; Estado de Natureza; Direito Natural e Lei Natural.

## ABSTRACT

The meaning aim of Philosophical Anthropology is to reflect rationally and universally on what is the human beings. This work aims to analyze the anthropological thought of the philosopher Thomas Hobbes in the first part of his work Leviathan. For this we will first make a historical resumption of what would be the philosophical anthropology in the light of Western thought based on the author Lima Vaz in his book Philosophical Anthropology I. The main work for the construction of this work was primarily the book Leviathan, specifically the first part entitled: of Man, where the work aims to investigate how Hobbes structures and explains his perspective on man. Both with regard to their ways of knowing, organizing themselves in society as well as their individual desires, and especially their naturally selfish morality, which conditions their actions in order to ensure for themselves, to the detriment of others, the conditions of their subsistence which creates according to Hobbes a state of war of all against all. To justify his theory, Hobbes explains how the human cognitive process works, as well as his ability to know, to perceive, to understand things. Only then does he explain what man does with this absorbed information. In the course, I present the author's thinking with regard to his thesis of human natural condition. And his justification of the need for the coercive power of the state. Undoubtedly, the core of all philosophy, as well as the other sciences that derive from it, is to understand what man is. So philosophical anthropology proposes to think of humanity beyond relativities, seeking to find the ontological invariants, moving away from its particular determinations to seek to understand what integrally constitutes the human race fulfilling its philosophical role.

**Keywords:** Philosophical Anthropology; Sensations; Vital Movement; State of Nature; Natural Law and Natural Law.

## SUMÁRIO

### **1. INTRODUÇÃO**

10

### **2. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA EM LIMA VAZ E NO LEVIATÃ DE THOMAS HOBBS**

15

### **3. NATUREZA E SOCIEDADE EM HOBBS**

23

#### 3.1. Sensação e Conhecimento em Hobbes.

23

#### 3.2 A vontade em Hobbes

28

#### 3.3. Virtudes Intelectuais

33

### **4. NATUREZA E SOCIEDADE NO LEVIATÃ**

37

#### **4.1. DOS INDIVÍDUOS**

37

#### 4.2 Direito Natural e Leis naturais

42

### **5. CONCLUSÃO**

47

### **6. REFERÊNCIAS.**

48

## 1. INTRODUÇÃO

A princípio esta pesquisa almejava mostrar a evolução acerca do pensamento antropológico ocidental até chegar ao Homem Hobbesiano descrito no Leviatã. No meio do processo encontrei no Hobbes inúmeras temáticas bastante interessantes acerca do estatuto humano, essa pesquisa então se tornou parte inicial de um projeto que almeja alcançar uma compreensão mais acurada da antropologia filosófica hobbesiana.

Para este trabalho, tenho a intenção de apenas apresentar um estudo acerca do homem hobbesiano da forma como é apresentado no Leviatã. Tanto no que diz respeito a suas formas de conhecer, de se organizar em sociedade bem como seus anseios individuais, e em especial sua moralidade naturalmente egoísta que condiciona suas ações de maneira a assegurar para si, em detrimento dos outros, as condições de sua subsistência. Ou seja, como Hobbes apresenta o homem como sujeito cognoscente e sujeito de poder.

O nosso primeiro capítulo intitulado: "Antropologia filosófica em Lima Vaz e no Leviatã de Thomas Hobbes" tem por objetivo fazer uma pequena retomada para entender a evolução histórica acerca do pensamento antropológico ocidental. Para isso, a pesquisa se desdobra, particularmente na parte histórica da obra: Antropologia Filosófica I (1991), do filósofo Henrique Lima Vaz.

Essa retomada dos grandes momentos que se pensou o homem é fundamental para a filosofia, pois dessa forma podemos observar como o homem fala do homem ao longo do tempo, quais conceitos e características se repetem, ou seja, quais são as variantes ontológicas que se perpetuam ao longo da história. O autor apresenta o homem clássico à luz de grandes momentos desse período. Neste momento, o ser humano estabelece com o cosmos uma relação de temor devido a sacralidade que o homem deste período atribuiu a natureza e ao cosmos.

Esse pensamento evolui com os filósofos gregos que constroem o discurso de que o ser humano é razão e liberdade, capaz de compreender sua realidade. Segundo Vaz, "O homem para os gregos possui dois traços fundamentais: o homem é um animal que fala e discorre (zoon loigikón) e o homem é um animal político (zoon politikón)" (1991, p. 30). Desse modo, portanto, o ser humano é um ser racional dotado de logos e capaz de modificar seu meio.

Seguindo com percurso histórico, Lima Vaz apresenta a idade média. As

concepções clássicas e medievais se correlacionam na temática do divino e sua relação com a humanidade. A antropologia neste momento amplia seus horizontes para a chegada da tradição bíblico-cristã com a expansão do cristianismo, onde a consciência moral cristã passa a guiar o agir dos humanos. A compreensão de homem nesse período é, portanto, uma correlação entre a antropologia teológica cristã e a filosofia grega.

Um passo adiante, o autor apresenta a idade moderna. A modernidade traz para reflexão filosófica o problema da pluralidade antropológica. Tendo em vista que as transformações sociais caracterizadas pela diversidade de culturas descobertas a partir da expansão marítima, e pelo advento das ciências humanas, não permitem mais uma unicidade de pensamento como na Grécia antiga por conta da unidade da cultura ou por conta da unidade religiosa, no caso da idade média.

Na contemporaneidade, o autor destaca a grande diversidade de conhecimento. A questão antropológica é amplamente explorada em diversas áreas das ciências humanas. Os conhecimentos se tornam fragmentados e Lima Vaz chama atenção para essa fragmentação. Diante da pluralidade de concepções acerca do ser humano, Lima Vaz propõe uma antropologia filosófica que não ceda ao reducionismo mas que integre as várias definições antropológicas a partir das perspectivas da universalidade. Isso significa pensar o homem, para além das nossas características individuais, algo que os integre enquanto espécie; características universais que o Lima Vaz vai chamar de invariantes ontológicas.

O segundo capítulo intitulado "O estatuto do Homem em Hobbes" consiste em reiterar o homem apresentado por Hobbes antes da tão famosa tese do estado de natureza humana. Hobbes, partindo da ideia central de que o homem é uma dimensão corpórea que busca a todo custo preservar o seu movimento, assim como os demais corpos naturais, concebe o homem como aquele que age em completo benefício próprio, passa a desejar aquilo que lhe beneficia e tem aversão àquilo que julga prejudicial. Para justificar sua teoria, Hobbes explica como funciona o processo cognitivo humano, sua capacidade de conhecer, de perceber, de entender as coisas. Somente depois explica o que o homem faz com essas informações absorvidas.

A ciência moderna ocupa na filosofia de Hobbes um papel fundamental. A tradicional interpretação dos textos de Hobbes evidencia que toda teoria política e

antropológica de Hobbes é profundamente influenciada pela advento científico da modernidade, em especial pela física. A forma como Hobbes utiliza-se de conceitos físicos para explicar a relação entre corpo e movimento e todos os processos derivados dessa relação, fica evidente que a efervescência científica do contexto, está intimamente ligada com sua teoria antropológica. Por questões políticas do seu país, Hobbes abandona o projeto de teoria física e parte para a discussão política, mas os conceitos da física, a exemplo do conceito de movimento da física de Galileu, estão presentes em seus textos.

No terceiro capítulo intitulado "Natureza e sociedade em Hobbes", eu continuo a apresentar o pensamento do autor no que diz respeito a sua tese de condição natural humana. E sua justificação da necessidade do poder coercitivo do Estado. Vale lembrar que a sociedade para a qual Hobbes está falando, é uma sociedade que passa por grandes transformações políticas, econômicas, sociais e científicas. Tais transformações se dão em decorrência de vários processos, como a transição da idade média para a idade moderna; a expansão do território inglês pelo domínio dos mares; a transição do modelo de produção econômico feudal para o capitalismo; a ascensão da burguesia, a revolução inglesa como um todo e todas as suas implicações.

Podemos observar nos seus escritos toda a influência desses processos históricos na concepção de homem. A natureza humana, em Hobbes, baseia-se na premissa que o homem busca incessantemente beneficiar a si mesmo. A identidade do ser humano é fundamentada no princípio primeiro de preservação do movimento vital. Este homem busca também a vanglória e a realização daquilo que considera ser uma boa vida. A partir disso, o homem constrói com a sociedade e com as pessoas uma relação instrumental, Só fará de maneira voluntária aquilo que considere colaborar para a preservação do seu movimento vital.

As ações desse homem individualista, tal qual Hobbes o concebe, são guiadas pelas condições que considera serem benéficas para realização dos seus planos individuais. Essa limitação implica em dizer que as coisas e as pessoas não possuem valor em si mesmas. O valor que é atribuído a elas, depende da contribuição que a pessoa ou coisa terá na realização pessoal do indivíduo hobbesiano.

O aspecto moral inerente à natureza humana é o medo, especialmente o medo da morte violenta. Desta forma a cooperação humana só existe com a finalidade de conceber

um bem individual, desaparecendo então a concepção de ideia de comunidade cooperativa. O homem em Hobbes, passa desejar aquilo que lhe beneficia e ter aversão aquilo que não lhe beneficia.

Um ponto positivo da teoria hobbesiana de homem é ideia de igualdade. Hobbes concebe o humano como igual por natureza. São iguais por terem iguais possibilidades de morrer é igual desejo de preservar sua vida. E essa é característica universal que Hobbes atribui a todos os homens. Embora sejam indivíduos plurais, singulares e isso significa que existe uma pluralidade de concepções de boa vida, ainda sim suas diferenças não justificam qualquer desigualdade.

No entanto, a incapacidade de reconhecer o outro como semelhante que busca condições necessárias para ter uma boa vida, da mesma forma que ele, é um dos traços mais negativos do homem em Hobbes e o fomento para o estado de guerra.

O estado natural é para todos homens um estado de insegurança, angústia e agonia. Então, pela incapacidade de regular a si mesmo, aceita voluntariamente se restringir por considerar que precisa de um estado modulador de suas paixões, medo e esperança. E isso é condição necessária para obter uma liberdade de agir e percorrer o caminho da felicidade.

O papel fundante da Antropologia Filosófica é refletir racionalmente e universalmente acerca do homem e sua incumbência é nos levar além da pluralidade nos apontando o que é o homem de maneira objetiva. Sem dúvida, o cerne de toda filosofia, assim como as demais ciências humanas, é compreender o que é o homem. Então a antropologia filosófica propõe-se a pensar a humanidade para além das relatividades, buscando encontrar as invariantes ontológicas, afastando-se de suas determinações particulares para assim buscar compreender o que constitui integralmente a raça humana cumprindo, desse modo, o seu papel filosófico.

Thomas Hobbes nasceu no dia 5 de abril de 1588 em Westport, perto de Malmesbury, no condado de Wiltshire. De família humilde e amparado por um tio, obtém, com 20 anos, o título de Baccalaureus artium, o que lhe possibilita se sustentar como preceptor do filho de William Cavendish, o Conde de Devonshire. A convivência com esta casa lhe permitiu desenvolver suas aptidões intelectuais através do desfrute da bela biblioteca da família e de viagens ao continente, além de lhe proporcionar uma vida confortável em virtude de uma

pensão deixada por seu aluno e amigo que morrera prematuramente.

O período histórico no qual Hobbes (1588-1679) viveu é marcado por contendas ideológicas, conflitos políticos e religiosos e pelas recentes descobertas de novos continentes. Dentre estes aspectos deve-se destacar o embate entre concepções sobre a natureza, iniciado pela ascensão da nova ciência representada por Galileu, e caracterizado por um conflito que se estendia ao domínio do dogma religioso, chegando, portanto, às questões centrais de estruturação de visão de mundo e de poder. Em termos gerais, essa é uma época em que a ciência está ainda politicamente atrelada à doutrina religiosa.

Hobbes concebe, em acordo com o espírito do racionalismo do seu tempo, a filosofia como um sistema em que, partindo-se de noções fundamentais, se procede de maneira a derivar delas todas as demais noções que deverão compor o edifício do conhecimento. Para Hobbes, essas noções fundamentais são as noções de corpo e de movimento. A partir delas, ele construiu uma física, da qual derivou uma teoria da natureza humana (uma teoria da percepção, uma teoria das paixões e dos costumes), que por sua vez lhe serviu de base para sua teoria política. Daí o projeto hobbesiano de compor a filosofia em três partes: o *De corpore*, o *De homine* e o *De cive*. Devido às conturbações políticas por que passava a Inglaterra, porém, Hobbes entendeu ser importante começar o seu sistema pelo fim, escrevendo e publicando primeiramente o *De cive*.

## 2. ANTROPOLOGIA FILOSÓFICA EM LIMA VAZ E NO LEVIATÃ DE THOMAS HOBBS

Conhecer a si mesmo é um esforço que o homem precisa fazer para primeiramente chegar a um conhecimento de si, para então compreender suas formas de agir, suas formas de se organizar em sociedade. A ciência que estuda o homem é a Antropologia. Sua etimologia tem origem grega composta por dois substantivos *anthropos* que corresponde a homem, no sentido de ser humano; *logos* que, como já sabemos, nos remete à idéia de estudo, e também “razão”, “lógica”. “Estudo do homem” ou “lógica” do homem. Por sua etimologia pode ser estudada em todo campo das ciências humanas, neste trabalho estudaremos a partir de perspectiva filosófica.

A inquietação de saber acerca de quem somos é um desejo compartilhado por toda humanidade, para ser mais precisa, viver com a falta ou incompletude de resposta acerca das nossas histórias é algo assustador para o ser humano. Nos perguntamos o tempo todo acerca de quem somos. É da natureza humana o interesse de refletir a respeito da própria existência. Questões como: quem somos? De onde viemos? E para onde vamos? estão no centro de todas as reflexões que consomem nossa existência. Ao longo do curso da história da humanidade, podemos observar, as inúmeras tentativas de entender o homem. O ser humano busca as mais variadas respostas das questões que lhe afetam, por exemplo: construindo mitos, cultura, artes, literatura entre outras formas de conhecimento na tentativa de obter as respostas às questões que nos rodeiam.

A partir de Lima Vaz, veremos como a filosofia ocidental tem respondido a essas questões. É possível notar que diante da pluralidade de concepções acerca do ser humano que se tem atualmente, Lima Vaz nos propõe uma antropologia filosófica que não ceda ao reducionismo, mas que integre as várias definições antropológicas a partir das perspectivas da universalidade. Dito de outro modo, pensar o homem, para além das nossas características individuais, do ponto vista da antropologia filosófica, significa pensar o homem a partir de algo que os integre enquanto espécie, elucidando as características universais que Lima Vaz vai chamar de invariantes ontológicas.

Lima Vaz, faz primeiro uma rememoração histórica. Apresenta esse caminho percorrido pela antropologia para depois realizar uma exposição do caminho metodológico. Essa retomada dos grandes momentos que se pensou o homem é fundamental para a filosofia,

pois dessa forma podemos observar quando se fala do homem ao longo tempo que conceitos e características se repetem ou seja quais são as invariantes ontológicas que se perpetuam. “O esboço histórico que aqui apresentamos tem como finalidade fornecer os dados elementares que a reflexão deve ter diante de si para levar a cabo a rememoração propriamente filosófica dos problemas que suscitaram no correr dos séculos a interrogação filosófica sobre o homem” (VAZ, 1991, p. 28).

Reapresento a vocês a partir de então, como o autor estrutura as concepções antropológicas da filosofia ocidental em seus grandes momentos de interpretação do homem no decorrer da história. Lima Vaz chama a nossa atenção para o quanto é interessante pensar que em uma sociedade marcada pela pluralidade existe no centro um indivíduo que subsiste em cada pessoa, em outros termos cada homem possui uma realidade que existe em si mesmo, porém, (e essa é uma proposição que advém da filosofia ocidental), ao mesmo tempo eu preciso existir em sociedade para me tornar um “eu” completamente.

O autor apresenta o homem clássico à luz de grandes momentos desse período. Neste momento, o ser humano estabelece com o cosmos uma relação de temor devido a sacralidade que o homem deste período atribuiu a natureza e ao cosmos. O pensamento antropológico é pautado a partir das reflexões feitas por grandes pensadores que serão citados ao longo do trabalho, dos quais a grande maioria será a base para o pensamento ocidental acerca do homem.

As raízes da concepção do homem que denominamos clássica e cuja expressão filosófica tentamos traçar brevemente devem ser buscadas na cultura grega arcaica que floresce séculos VIII e VII a.C e apresenta uma extraordinária riqueza manifestações que a cultura clássica (a partir do século VI) recolherá e organizará num universo espiritual coerente e harmonioso. [...] (VAZ, 1991, p.29).

Lima Vaz destaca que a cultura grega arcaica acerca do homem é rica e complexa, haja vista que o homem desse período atribui a natureza uma sacralidade, por isso estabelece com o cosmos uma relação de temor. Na tentativa de sintetizar essa linha de pensamento o autor destaca três linhas dominantes de pensamento desse período: a primeira é a linha teológica que consiste em compreender o homem como ser totalmente dependente do destino. Segundo Vaz “O mito grego arcaico evoca o assomo orgulhoso (*hybris*) do homem para se igualar aos deuses e a resposta dos deuses a essa pretensão desmedida, inscrita no decreto implacável do destino (*moira*) que provoca as peripécias e o desfecho trágico na vida dos mortais.” (VAZ,

1991, p.31).

Em sequência, Lima Vaz apresenta a linha cosmológica, esta por sua vez é contemplação da ordem do mundo. Uma admiração partilhada por outras culturas, mas que para os gregos passa a ser uma característica de imagem, sobe a perspectiva de Platão e Aristóteles esse será um estilo de vida do homem grego e também porta de entrada para a origem da filosofia, dela surgirá os ideais gregos de virtude e agir humano (ética) segundo Lima Vaz (1991, p. 31): “a linha cosmológica assemelhava a teológica na formulação do conceito de necessidade cósmica a qual os homens e deuses são submissos”. Essa necessidade cósmica entra em conflito com a liberdade humana e será tarefa da filosofia encontrar o ponto de conciliação.

E por fim a terceira linha é a antropológica que consiste em compreender a forma de auto compreensão do homem grego, quais as características que este homem enxerga em si e esta é apresentada por Lima Vaz como sendo a imagem que põe em oposição o elemento apolíneo e o dionisiaco.

O apolíneo reflete o lado luminoso da visão grega do homem, a presença ordenadora do logos na visão humana, que a orienta para a claridade do pensar e do agir razoáveis. O dionisiaco traduz o lado obscuro ou terreno (*ctônico*), onde reinam as forças desencadeadas do *eros* ou do desejo e da paixão (Vaz, 1991 p.30).

Aristóteles foi o primeiro a sistematizar um pensamento filosófico acerca do homem. Seu pensamento caminhou em uma linha evolutiva por duas concepções: O ponto de vista platônico (*psyché* e dual) para a perspectiva do monismo hilemórfico (alma como forma do corpo). Como Lima Vaz afirma: “O centro da concepção aristotélica do homem é, assim, a *physis*, mas animada pelo dinamismo teleológico da forma (*entelécheia*) que lhe é imanente e, como forma ou *eidos*, é seu núcleo inteligível” (1991, p.40)

A concepção Aristotélica compreende o ser humano como sendo corpóreo e terreno, mas também como um ser que vai além do abstrato, que transcende a realidade. Para Aristóteles o homem é um ser bio-psíquico. “A *psyché* é, pois, a perfeição ou o ato (*entelécheia*) do corpo organizado [...]” (Vaz,1991, p.41); um ser ético-político: o homem é um ser político por ser dotado de racionalidade e também é um ser cheio de desejos e paixões. “[...]o campo por excelência onde se manifesta a finalidade do homem coroado pelo exercício da razão ou definida pela primazia do logos.” (Vaz, 1991, p.43). O homem como *zōon logikón*

(O homem é um animal racional).

A racionalidade é, pois, a diferença específica do homem, e, ao acentuar esse aspecto, Aristóteles prolonga a linha de reflexão antropológica que tem origem na Sofística e que fora continuada mesmo sofrendo inflexão, pela antropologia socrático-platônica (VAZ,1991, p.41).

Lima Vaz segue com o percurso histórico tomado pela antropologia filosófica no ocidente, agora a luz da idade média, “ou sob uma perspectiva trevosa” como alguns se referem a este período. Bom, no que diz respeito aos temas do homem e o divino; o homem e o universo; o homem e a comunidade humana; o homem e a unidade do homem, tanto a idade média quanto a antiguidade clássica se correlacionam, haja vista que, o homem nestes dois períodos apesar de ampliar seus horizontes com a chegada da era do império romano conseguem manter uma unicidade de cultura e até mesmo uma unicidade de religião com o cristianismo, mesmo que inicialmente o cristianismo tenha muitas vertentes pois o contexto é de formulação do mesmo. A compreensão de homem nesse período é, portanto, uma correlação entre a antropologia teológica cristã e a filosofia grega.

A concepção de homem tratada neste ponto concebe o período do século VI ao século XV. É notável neste ponto, que Lima Vaz apresenta este período como o grande momento de formulação e reformulações do cristianismo. A concepção cristão-medieval do homem é formulada sob o prisma de duas grandes tradições filosóficas; a tradição bíblico-cristã (que aqui se encontra em construção) e a tradição filosófica grega. Dessa maneira a antropologia filosófica neste momento consiste em uma antropologia filosófica bíblica cristã. Apesar da sagrada escritura ser descrita como a única base para a construção da ideologia cristã é possível notar que os expoentes Sto. Agostinho e Sto. Tomás de Aquino cristianizam as filosofias de Platão e Aristóteles respectivamente.

A doutrina cristã inicialmente não possuía uma unidade, tendo em vista que ainda estava se formulando, desta forma, existiam vários cristianismos (o que não é muito diferente da atualidade, onde podemos ver uma pluralidade de concepções cristãs). A comunidade temática que liga a concepção bíblica do homem e a concepção clássica é formulada na linguagem da revelação e, por isso mesmo, definida pela tradição cristã.

A antropologia bíblica cristã parte de um ponto vista soteriológico, isso significa que a salvação por meio de cristo é o objetivo de vida do homem. A natureza do ser, da existência e

explicações sobre a realidade, ou seja, a ontologia se converge com o ponto de vista bíblico que consiste em uma narração que vai se formando desde o antigo testamento até o novo testamento onde homem percorre o caminho da salvação haja vista que ele é a imagem e semelhança de deus.

Neste ponto do seu trabalho Lima Vaz deixa claro que o gnosticismo é grande adversário intelectual do cristianismo, a discordância se dá por conta da compreensão da matéria humana que para os gnósticos na dualidade do ser o corpo é algo descartável pois se trata de algo mal assim como o restante do mundo, já para cristãos o corpo é criação de Deus e figura de Deus se fez matéria, se fez carne. Portanto, o homem se trata de um reflexo de Deus, essa compreensão é postulada por Sto. Irineu de Lião.

A Patrística é dividida em dois grandes grupos: Grega e Latina. Sendo a patrística grega de caráter ontológico e representada pelo filósofo Orígenes (sec. III) responsável por postular a assimilação do homem a Deus e propor a questão da preexistência da alma. É a primeira vez que o cristianismo se une ao platonismo.

Patrística Latina tem com expoente principal Santo Agostinho (354 – 430 d.C.); considera-se que Agostinho cristianiza as teorias de Platão, tendo em vista que sua visão de homem se divide em o homem como ser uno que vai contra o dualismo grego gnóstico; o homem como um ser itinerante, ou seja, um ser que ao longo da vida caminha para deus se esse for seu desejo, haja vista que agostinho entendia que o ser humano como livre para escolher ser bom ou ruim e, por último, ele acreditava que o homem é criado por deus e para deus dando sentido a existência humana.

A antropologia medieval se encontra no meio do debate entre aristotelismo que embasa o grande teólogo deste período, Sto. Tomás de Aquino e o neoplatonismo que embasou o Agostinho, tal debate encontra suas convergências e equilíbrio na tradição cristã bíblica que, por outro lado, passa a se consolidar. O tema da imagem e semelhança do homem a Deus é central na antropologia tomista, o homem é unido a Deus por sua semelhança com o criador.

Tomás de Aquino (1225 – 1274) é tido como o filósofo que cristianizou Aristóteles, tendo em vista que em sua reconstrução do cristianismo se baseou nas teorias de Aristóteles. O período histórico vivido por ele é de fragilidade do sistema feudal que passou a ser questionado e o clero se encontrava enfraquecido. Então suas obras são de suma importância

para a reconstrução da doutrina bíblica cristã. Sua visão de homem possui três vertentes: O homem como ser racional e superior aos outros seres por sua racionalidade baseada na tradição clássica grega; o homem como ser fronteiro entre o espiritual e o corporal que advém da concepção neoplatônica do homem na hierarquia dos seres. E a concepção bíblica do homem como criatura, imagem e semelhança de Deus. Outros pontos importantes sobre sua antropologia é que ele nega que o corpo seja plural ou seja corpo e alma são unos substancialmente. Preserva estritamente a espiritualidade da alma, ou seja, a transcendência abaixo da matéria. a revelação cristã como meta sobrenatural do homem)

A modernidade é que traz para a reflexão filosófica e antropológica o problema da pluralidade do homem. Pois como já foi explicitado, a modernidade é o período de grandes transformações políticas e sociais, no âmbito das ciências essas mudanças são copiosas, haja vista que avanços tecnológicos e descobertas das ciências, domínio dos mares trazem para humanidade uma novos paradigmas de existência.

Uma vez que, a unidade cultural e religiosa vivida pela idade média se tornam distantes por conta das mudanças sociais, a modernidade rompe com o teocentrismo medieval e com domínio intelectual da igreja católica dando lugar ao ideal humanista renascentista que traz o homem para o centro das reflexões antropológicas. Em suma, o homem deixa de ser frágil em relação ao divino e às forças da natureza e agora passa a ser capaz de conhecer e dominar a natureza.

Mediante as profundas transformações vividas pelo ocidente na modernidade a imagem do homem que emerge é a imagem do *homo universalis*, que teve como seu principal expoente Nicolau de Cusa que apresenta ideias novas sobre o indivíduo, a antropologia deste momento é uma ruptura com a ideia cristã, e busca valorizar o ser humano e suas possibilidades, o ideal racional que é proposto será a base para o desenvolvimento da concepção antropológica dos próximos séculos.

Neste momento, surge também o humanismo cristão, principalmente por conta do surgimento e expansão das literaturas por meio da expansão do livro impresso. Então, a partir da pluralidade antropológica surge a necessidade de se pensar uma dialética que iguale o homem quanto a sua natureza. Veremos as teorias acerca da natureza humana ao longo deste trabalho, sobretudo na teoria de Hobbes.

Antropologia hobbesiana inaugura na modernidade a crítica a antropologia aristotélica

que acreditava que o homem naturalmente possuía uma necessidade de se relacionar politicamente. Hobbes apresenta sua concepção de homem como sendo detentor de direito e liberdade para fazer todas as coisas para sua auto preservação, todos os homens possuem em sua natureza uma igualdade intrínseca ao seu ser, e por possuírem uma natureza egoísta que busca seu benefício próprio são um do outro adversários, a vida em sociedade é portanto uma solução para estado de caos que humanidade se encontra por estar sempre a procura de satisfazer suas vontades, é, portanto, necessário aos homens fazerem um pacto social que os proteja uns dos outros. Desta forma o homem não é político por natureza como pensou Aristóteles, ele apenas se torna político para proteger-se da natureza egoísta de todos os homens.

A antropologia racionalista moderna encontra em Descartes sua principal expressão. Autor da celebre frase “penso logo existo”, Descartes tem sua antropologia baseada em uma metafísica do espírito e uma física do corpo. Sendo metafísica do espírito a *res cogitans*, consciência-de-si (coisa que pensa) que, segundo Descartes, deve ser a matéria de estudo da filosofia e física do corpo - que ele denomina como *res extensa* (que consiste na extensão corpórea do homem) - este, por sua vez, deve ser estudado pelas leis naturais e físicas que regem os outros corpos naturais.

Este período é marcado pelas teorias de Descartes e Galileu que com sua nova concepção de homem baseada pela razão terminaram por influenciar diversos expoentes da modernidade como Montaigne, Bremond e Pascal. Lima Vaz cita e explica de maneira sucinta as teorias destes acerca da natureza do homem, no entanto, aqui quero me ater ao Filósofo Thomas Hobbes.

Hobbes apresenta sua concepção de homem como sendo detentor de todo o direito e liberdade para fazer todas as coisas em favor da sua auto preservação, todos os homens possuem em sua natureza uma igualdade intrínseca ao seu ser, porém possuem também uma natureza egoísta que busca seu benefício próprio em detrimento dos demais, que se tornam adversários. Seu racionalismo mecanicista apresenta o homem como uma máquina que está sempre propenso a guerrear para preservar seu movimento vital.

A vida em sociedade é, portanto, uma solução para o estado de caos que a humanidade se encontra por estar sempre à procura de satisfazer sua vontade. É, portanto, necessário aos homens fazerem um pacto social que os proteja uns dos outros. Desta forma, o homem não é

político ele apenas se torna para proteger-se da natureza egoísta de todos os homens

Ainda neste período, porém apresentando discordâncias fundamentais com Hobbes, temos Locke, que assim como Hobbes é empirista, no entanto, sua postura em relação a natureza do homem é otimista haja vista que sua antropologia define o homem como um bom selvagem, que é moldado pela sociedade a partir das experiências. A partir de Locke, ressurge a consciência do homem social e político

O outro grande expoente da modernidade é o filósofo Emmanuel Kant, que sintetiza o debate epistemológico empirista e racionalista, em suas obras. O autor propõe uma revolução copernicana na filosofia, trazendo para centro do processo de conhecimento o sujeito. Dessa forma, as coisas que nos são possíveis conhecer dependerão das categorias do conhecimento do sujeito cognoscente. Então, na crítica da razão pura ele trabalha como é possível conhecer através da razão, indagando que não é possível conhecer coisas que não podemos representar ou sentir já que conhecimento advém das experiências e da razão. Sua outra obra é a crítica da razão prática, na qual ele trabalha como a racionalidade deve orientar as ações do sujeito. Para Kant, as ações dos indivíduos devem se basear na proposição de que esta ação se torne um universal, desta forma toda ação dos indivíduos deve ser guiada pelo questionamento do que aconteceria se outros indivíduos praticassem esta ação. Por fim, a ideia de homem é postulada como o espírito inquieto e indagador por excelência.

### **3. NATUREZA E SOCIEDADE EM HOBBS**

#### **3.1. Sensação e Conhecimento em Hobbes.**

É interessante a forma como Hobbes trabalha a questão do processo de conhecer e racionar do homem, o Filósofo percorre uma trajetória dos movimentos da mente de forma minuciosa utilizando-se de uma metodologia mecanicista. “A mente não é o conhecimento nem possui o conhecimento; ela tem o poder ou a faculdade de conhecer; ela está preparada e tem as condições adequadas de conhecer, mas não gera o conhecimento por si só (Gancho, 2005, p. 21). Em outros termos, sentir causa nos corpos um pensamento isolado, que é decorrente de acidentes exteriores atuando nos órgãos dos sentidos. A primeira concepção do processo cognitivo é a sensação, originada pelo movimento de objetos que interagem entre si. A temática do movimento é amplamente apresentada na tese hobbesiana e será recorrente neste trabalho

O autor então demonstra que os movimentos realizados pela mente estão no cerne de todas as ações do ser humano. Para Hobbes, toda consciência humana se origina nas sensações. Como disse o autor do Leviatã, “Esta aparência ou ilusão é aquilo que os homens chamam de sensação e consiste para o olho, em luz ou cor figurada; ao ouvido, em som; e para o resto do corpo, no calor, na dureza, na suavidade, e em outras qualidades que discernimos pelo sentir.” (Hobbes, 1651, p.20).

Dentre as faculdades da mente, Hobbes trata primeiro do poder cognitivo, ou, como ele mesmo chama, poder imaginativo ou conceptivo. Todo homem tem a faculdade cognitiva, por isso, todo homem pode alcançar o conhecimento das coisas que estão no mundo. O conhecimento cognitivo é composto pelas “imagens mentais e representações das qualidades das coisas fora de nós (Gancho, 2005, p. 20).

Então, meticulosamente, Hobbes constrói sua teoria acerca da capacidade de conhecer, compreender, de processar o conhecimento, explicando como e porquê, todo processo evolutivo tem origem nos órgãos dos sentidos. Hobbes explica que essas sensações, são provocadas em nós através de algo, um corpo alheio, que ao entrar em contato com nossos órgãos produzem imagens aparentes em nossa mente gerando pensamentos causados pelo juízo de valor consequente dessas sensações. Desta forma, não existe pensamento que não tenha origem na vivência. “A origem de tudo isso é o que chamamos de SENSACIONES pois

não há concepção na mente de um homem, que a princípio, não tenha sido totalmente ou por partes, gerada nos órgãos dos sentidos. Todo o restante é derivado daquela origem” (Hobbes, 2020, p. 19).

Hobbes nos evidencia que o pensamento do homem de maneira individual é representação, aparência ou acidente causado por um corpo alheio que produz em nós aparência (sensação); nossas sensações são causadas por um corpo externo que ao pressionar determinado órgão produz em nós sensações diversas que podem ocorrer de maneira mediata ou imediata. O objeto pressiona o órgão sensorial passando a ser percebido, mas para isso é preciso um movimento que cause essa pressão, esse movimento é realizado pelo objeto externo e ocasiona outro movimento no órgão do sentido atingido. Desta forma, a sensação é fruto de um movimento sentido através de um corpo externo. “Sendo a cognição, ou concepção, a representação mental das qualidades de objetos que estão fora da mente, o conhecimento depende desses objetos, mas suas qualidades e as concepções com as quais são pensados existem somente na mente do homem” (Gancho, 2005, p. 22).

A sensação desse contato entre os objetos externos nos órgãos sensoriais desencadeia na mente do homem, o que Hobbes chama de fantasma, que nada mais é do que aparição, aparência, ilusão e diversos nomes que Hobbes utiliza para descrever o que comumente chamamos de imaginação, a imaginação é uma sensação diminuída fruto de uma ilusão guardada em nossa memória ou seja uma lembrança para melhor dizer, é uma imagem ou fantasia que fica registrada na mente humana após seus órgãos sensoriais serem afetados por algum objeto externo.

Outro interessante recurso da mente ao qual Hobbes faz menção é recordação. O autor explica que o ser humano é capaz de guardar muitas imagens em sua mente e quando é exposto a objeto que já lhe causou alguma fantasia é capaz de recordar e reconhecer este objeto. Hobbes explica que o que diferencia a memória da recordação é o tempo em que é causada à mente. “A IMAGINAÇÃO nada mais é do que uma sensação decadente, que é encontrada nos homens e em muitas outras criaturas viventes, quer estejam dormindo, quer em vigília” (Hobbes, 2020, p. 24). O acúmulo de memórias traz ao ser humano a experiência ou a prudência que para toda vida humana, seja ela intelectual ou não, é fundamental. Tendo em vista que a experiência traz para o homem a possibilidade de concluir, deduzir e raciocinar melhor. Fazendo uso das expectativas eles podem conduzir melhor as situações diárias.

A imaginação que desponta no homem (ou em qualquer outra criatura dotada com a faculdade da imaginação) por palavras ou outro signo voluntário, nós geralmente chamamos de compreensão, que é comum ao homem e à besta. Pois um cão costumeiramente irá atender o chamado ou o ralhar de seu mestre; e assim farão muitas outras bestas (Hobbes, 2020, p. 29).

Para o homem não é difícil a compreensão da afirmação de que se algo está em repouso ele permanecerá em repouso a não ser que uma força o impulsione ao movimento. Porém, não é facilmente aceita a afirmação de que se algo está em movimento permanecerá em movimento a menos que uma força interrompa seu movimento. Tanto a primeira quanto a segunda afirmação são comprovadas 30 anos depois pelo físico Isaac Newton com a formulação da lei da inércia.

O homem é levado a medir o funcionamento do universo a sua própria natureza, já não basta julgar os outros seres humanos a sua maneira se julga também todo o restante. Por conta disso, o homem quando se cansa busca repouso e acredita que todo restante assim também o faz. “Com efeito, os homens não apenas julgam os demais homens, pelas próprias medidas, mas julgam todas as coisas” (Hobbes, 2020, p. 23). Em suma, tomando a afirmação de que um corpo em movimento tende a permanecer em movimento a não ser que algo o pare e mesmo que algo pare, isso será feito de maneira gradual assim é também o homem quando, dormindo ou acordado, vê algo e mesmo depois de um tempo a imagem vista permanece em seu subconsciente ao qual chama-se imaginação que consiste em sensação decadente. A compreensão humana se origina em uma cadeia de pensamentos que por sua vez se origina nas sensações.

Dentre as faculdades da mente, Hobbes trata primeiro do poder cognitivo, ou, como ele mesmo chama, poder imaginativo ou conceptivo. Todo homem tem a faculdade cognitiva, por isso, todo homem pode alcançar o conhecimento das coisas que estão no mundo. O conhecimento cognitivo é composto pelas “imagens mentais” e representações das qualidades das coisas fora de nós (Gancho, 2005, p. 20).

Desta forma, são os nossos sentidos que formulam nossas concepções, que formulam nossas ideias e também nossas intenções com os outros ao nosso redor. Nossa mente então conhece as coisas a partir de imagens que guardamos em nossas memórias e nos dão significado a objetos encontrados. O processo de cognição humana inicia nas sensações formando uma cadeia imaginativa ou discurso mental que pode ser de natureza selvagem, sem um fim certo, onde acende em mim o pensamento de governar e subjugar aqueles ao meu

redor, articulando e agindo de maneira a me beneficiar. A natureza do segundo pensamento é constante e guiada por algum objetivo desejado.

A invenção das letras é uma das mais importantes criações da humanidade, nas palavras de Hobbes, através dela, é possível que as memórias sejam gravadas e perpetuadas ao longo dos anos, e das eras. A fala é que dá significado as paixões ainda assim, é a linguagem, que para Hobbes é a mais proveitosa invenção de toda a humanidade, sem a qual, as letras a imprensa e outras invenções provavelmente não existiriam. “Sem eles, não haveria uma comunidade entre os homens, nem sociedade, nem contrato, nem paz; ao menos, não mais do que entre os leões, ursos e lobos” (Hobbes, 2020, p. 37).

A linguagem confere aos homens, a capacidade de se relacionar, de compreender e fazer-se compreendido. Dela advém todos os contratos que norteiam a convivência em sociedade. Hobbes destaca que a linguagem é o que nos difere dos animais, com a qual a sociedade é capaz de realizar seus mais diversos contratos, há ainda a diversidade de linguagem e com ela nasce a necessidade dos indivíduos traduzirem as diferentes línguas para haja comunicação entre os mais diferentes grupos. O principal objetivo da linguagem é a possibilidade de transmitir as intenções, sensações e pensamentos humanos para forma verbal. Assim como os demais animais os homens possuem sensação, imaginação e alguns animais podem até desenvolver a prudência, o que difere os homens dos outros animais é a linguagem.

Há ainda objetivos extras, ao qual Hobbes chama de usos especial das linguagens e contrapõe os abusos correspondes. O primeiro uso é deixar registrado o que seria a origem das coisas, através das nossas concepções do presente e passado. Em contraponto, a possibilidade de registro errado dos seus pensamentos por conta da variabilidade de aceção de suas próprias palavras. Em segundo lugar, o homem, através da linguagem é capaz de transmitir os conhecimentos adquiridos. Por outro ângulo, esses conhecimentos podem ser passados de maneira metafórica para enganar o interlocutor. Em terceiro, transmitir uns aos outros nossas próprias concepções de boa vida e assim ajudar uns aos outros nas conquistas desses objetivos. Por outro lado, as vontades declaradas podem não ser certas. Em quarto e último, as palavras podem ser usadas para o próprio prazer individual e coletivo como, por exemplo, através das poesias. Por outro lado, o homem pode usar desse domínio da linguagem, para ferir, humilhar e subjugar o outro.

Continuando o raciocínio de como viria a ser a formação de conhecimento na perspectiva hobbesiana, a produção de conhecimento consiste em sentir, a partir desta sensação é gerada uma imagem, esta imagem produz um raciocínio ao qual Hobbes estabelece uma lógica matemática sem a qual não é possível um conhecimento racional.

Quando um homem *raciocina*, ele nada mais faz do que conceber uma soma total da *adição* de parcelas; ou conceber um resto por *subtração* de uma soma relacionada a outra; o qual (quando se faz por meio das palavras) consiste em conceber a base da conjunção do nome de todas as coisas, o nome de todo, de uma parte, o nome de outra (Hobbes, 2020, p.47)

Para Hobbes o conhecimento racional só é possível por uma lógica matemática, toda produção científica, seja linguagem, as ciências naturais, as ciências humanas, possuem uma lógica que consiste em somar sentenças ou obter a diferença das sentenças estudadas. A razão em Hobbes é uma das faculdades da mente do ser humano - anteriormente o autor apresentou a faculdade da mente sensações que geram imagens, linguagem que gera comunicação e agora a lógica matemática que gera o raciocínio. Partindo desse princípio é preciso treinar para que não haja erros e falhas no raciocínio, Conclusões absurdas feitas pela filosofia por conta da falta de metodologia, segundo Hobbes - principalmente a significação equivocada das coisas.

Deste modo, tudo leva a crer que a razão não é um sentido ou memória, ou seja, nascida conosco; nem obtida apenas pela experiência, como a prudência; mas atrelada à indústria; em primeiro lugar, pela imposição adequada de nomes e, em segundo lugar, aplicando um método correto e ordeiro, ao progredir desde os elementos, que são os nomes, as asserções feitas mediante a conexão de um com o outro; mesmo quanto aos silogismo, que são as conexões de uma asserção a outra, até que cheguemos ao conhecimento de todas as consequência dos nomes que temos ao alcance das mãos; e isso é o que os homens chamam de ciência. (Hobbes, 2020, p. 51)

A teoria do conhecimento hobbesiano baseia-se na premissa de que a sensação, ou seja, a experiência é a origem de todo conhecimento. As estampas seguem uma ordem que se origina nos órgãos dos sentidos que ao serem pressionados por um corpo alheio a ele causa uma sensação e dessa experiência advém a imaginação e o conjunto de várias imagens se constituem em memória. Até aqui podemos perceber que decorrente do movimento advém a sensação que produz imaginação/memórias. Com o atributo da linguagem o homem é capaz de conhecer e raciocinar transforma toda sensação em concepção racional.

### 3.2 A vontade em Hobbes

Como já foi explicitado neste trabalho, a metodologia hobbesiana de explicar o funcionamento do corpo humano e suas idiossincrasias é o método geométrico, especialmente o conceito físico de movimento. Segundo Silva (2009, p. 84), “Com o intuito de fundamentar esse novo enfoque acerca do movimento, ele define o *conato* como uma determinação atual do próprio movimento.” A compreensão dos movimentos dos corpos é fundamental para entender a forma de agir do homem é primordial também para entender as vontades e apetites do indivíduo segundo a concepção de Hobbes. O conceito de *conato* e a *deliberação* são trabalhados por Hobbes para compreender o que determina as ações e a vontade dos homens. Hobbes compreende que o *conato* é início dos movimentos presentes internamente e praticamente imperceptível no homem e é a causa das determinações dos corpos.

Com efeito, nenhum espaço pode ser tão pequeno que, movido um espaço maior do qual o primeiro seja parte, não seja primeiramente movido neste último. Estes pequenos começos do movimento dentro do corpo do homem, antes que se manifestem no andar, no conversar, no pelear e em outras ações, é usualmente chamado de ESFORÇO (Hobbes, 2020, p. 56).

Para Hobbes, o homem é uma dimensão corpórea que constantemente é afetado pelos movimentos de outros corpos, e conseqüentemente afeta também. Não significando que a pressão, ou movimento que os homens fazem em outros corpos gere em alguma medida uma sensação ou uma percepção. Quando os órgãos dos sentidos são afetados por algum objeto externo fazendo com que surja no indivíduo imaginação e essa imaginação percorre até o coração o que pode retardar ou acelerar o movimento do mesmo, é o que se chama movimento vital. A percepção dessa interação de movimentos dá origem a prazer ou dor.

Corpo é extensão ou magnitude, ou seja, aquilo que ocupa um espaço no universo real. Esse ocupar espaço, essa forma e essa extensão permanecem sempre e são a essência do corpo, enquanto os acidentes se alteram por produção ou por destruição, ou seja, mudam, aparecem ora num ora noutro corpo e no mesmo corpo podem sofrer mudanças [...] (Gancho, 2005, p. 25).

Prazer e dor são, portanto, sensações causadas no corpo do homem por um corpo externo. Do mesmo modo que na percepção mental do objeto, um fantasma se cria instantânea e simultaneamente quando o homem percebe um objeto externo, também o prazer e a dor ocorrem concomitantemente à sensação do objeto externo (Gancho, 2005, p. 57).

A partir de uma perspectiva da física, Hobbes apresenta os movimentos internos que colaboram para a manutenção da vida. Primeiramente o autor subdivide esses movimentos

em duas categorias. A primeira categoria, Hobbes nomeia de movimento vital, este consiste nos movimentos básicos para o funcionamento do corpo. A segunda Categoria diz respeito ao que Hobbes chama de movimentos voluntários. Nesse conceito, Hobbes trabalha as paixões humanas. Sendo as duas categorias de movimento originárias dos órgãos do sentido

O movimento vital diz respeito ao processo feito pelo indivíduo para realizar as funções motoras básicas para o funcionamento do corpo. Para realizar tais movimentos, a imaginação não se faz necessária, haja vista que são naturais do corpo, tanto humano quanto animal, a exemplo do curso do sangue nas veias que acontecem involuntariamente. O movimento voluntário diz respeito a ações mais complexas realizadas pelos corpos. A esse movimento é necessário a imaginação, a exemplo de ações como andar que antes mesmo da ação acontecer, o ser imagina esta ação, que diferente do movimento vital é que este acontece de maneira facultativa.

Este movimento que se denomina appetite (e em sua manifestação, deleite e prazer) é, para mim, um corroborar do movimento vital e uma ajuda que lhe presta; conseqüentemente, aquelas coisas que causam deleite têm por nome, com toda a propriedade, jucunda (à juvando), do ato de ajudar ou fortificar; por outro lado, molestas, ofensivo, do impedimento e problema ao movimento vital. Assim, o prazer (ou deleite) é a aparência ou o sentido do bom; e moléstia ou desprazer, a aparência ou sentido do mal. E, conseqüentemente, todo appetite, desejo e amor é acompanhado de algum deleite, maior ou menor; e todo ódio e aversão, de maior ou menor desprazer ou ofensa. (Hobbes, 2020, p. 58)

O conceito de movimento vital em Hobbes é, como o próprio nome indica, movimento responsável por dar continuidade à existência que traz vitalidade ao ser. Conforme for a interação do objeto externo nos órgãos dos sentidos pode trazer prazer ou dor. Se o movimento colabora para a manutenção do movimento vital é chamado de prazer, se a reação da circulação for negativa e desacelerar a circulação é chamado de dor. Essas situações podem ser entendidas através das experiências, se os humanos são afetados por algo que lhe seja considerado objeto de desejo lhe causa appetite. Se a reação à situação lhe afetar de maneira penosa e sofrida ele percebe que tem aversão. Hobbes trabalha essa questão de maneira a explicar que algo bom ou ruim pode nos trazer sensações que diminuem ou aumentam nossa vitalidade. Uma situação desagradável dificulta os nossos movimentos vitais que, como o nome já diz, é necessário para nossa existência.

É importante, também, lembrar que, para Hobbes, movimento vital praticamente equivale a circulação sanguínea, e que, por causa disso, o coração é o centro vital do corpo. Dessa forma, qualquer movimento que afete a circulação do sangue, afeta, também, de forma positiva ou negativa, o centro da vida (Gancho, 2005, p. 56).

O movimento vital exerce papel importante tanto nas paixões humanas quanto na formação da cognição, compreensão haja vista que afeta os sentidos. Diante da compreensão de Hobbes acerca do homem ser corpo natural, uma dimensão corpórea que integra uma variedade de corpos do universo e por sua naturalidade afeta e também é afetado pelos movimentos do ambiente aos seu redor haja vista que, Hobbes, compreende que não existe um vazio entre os corpos. A interação dos movimentos no indivíduo hobbesiano acontece de fora e dentro do sujeito. É por meio do Movimento vital e da faculdade da mente, que os homens e os animais conseguem sentir, perceber e até fazer juízo de valor.

No que concerne ao bem e o mal, Hobbes é considerado um subjetivista. Tendo em vista que sua teoria se baseia na experiência pessoal de cada indivíduo. O indivíduo hobbesiano tende a desejar ter perto de si aquilo que considera bom e quer distância daquilo que considera ser um mal para a realização dos seus planos e preservação da sua vida, A definição de bem e de mal é, então, definida pelo próprio indivíduo que julga, a pluralidade dos homens não permite uma universalidade de definição daquilo que seja bom ou ruim. Por isso Hobbes chama a nossa atenção para o fato de que no estado natural do homem o bem individual que os indivíduos procuram pode não ser um bem coletivo.

Nesse sentido, as paixões não são simples reações diretas provocadas pela ação do movimento dos objetos externos, mas sim reações indiretas que resultam da adequação e ponderação de vários movimentos que antecedem a ação, aliados à experiência acumulada contida na imaginação. (SILVA, 2009, p. 78)

A opção de se realizar ou não a ação dá a existência a pequenos começos de movimentos, Hobbes os chama de esforço. O esforço que o indivíduo faz para se aproximar daquilo que lhe causa sensação é chamado de *Apetite* e *Desejo* e o movimento realizado para se afastar do objeto que lhe causa sensação é chamado de *aversão*. *Apetite* e *Aversões* são movimentos. Alguns *apetites/aversões* nascem com o homem e outros advêm das suas próprias experiências.

Aquilo que os homens desejam, eles também dizem que *AMAM*, e *ODEIAM* as coisas pelas quais têm *aversão*. De tal forma, o desejo e amor são a mesma coisa, mas com o desejo sempre significamos a ausência do objeto, e com o amor, por sua vez, a presença dele; assim também com a *aversão* significamos a ausência, e com o ódio, a presença do objeto. (HOBBS, 2020, p. 56)

Segundo Hobbes, (2020, p. 83):

[...] é preciso entender que as paixões possuem um Hobbes nos explica que tudo objeto que ao pressionar os órgãos sensoriais e causar alguma sensação, ao está presente é chamado de fantasma e se afeta os sentidos de maneira agradável nos desperta apetite pelo objeto que causou essa boa sensação, no entanto se a sensação for desagradável ou representa perigo a manutenção do movimento é chamado de aversão, e se é um objeto que já se foi, é chamado de fantasia ou imaginação. Ou seja, o movimento pode ser despertado tanto por algo presente quanto por algo distante que esteja apenas na lembrança, quando causado por algo presente diz-se que se foi causado pela sensação, no caso de ser causado por algo distante, apenas na lembrança diz-se que foi conteúdo valorativo, isto é, não há uma total ausência de valores no estado de natureza. Da mesma forma ele faz a seguinte distinção na formação das paixões: quando o objeto ou o fenômeno está presente, diz-se que a sensação de prazer ou dor causa um apetite ou uma aversão, mas, uma vez retirado o objeto ou fenômeno que causaram aquela dor ou prazer, o que permanece é uma paixão, de medo ou esperança (Gancho, 2005, p. 58).

O apetite é, portanto, o início da movimentação em direção aos nossos objetos de desejos que se finda ao atingir esse objeto desejado. “Apetite e aversão são sempre movimentos de aproximação ou fuga em relação a alguma coisa que aparece ao homem como mal ou bem” (Gancho, 2005, p. 59). Hobbes nos fala de duas paixões básicas do homem que decorrem dessa movimentação, o medo e a esperança. Portanto, medo e esperança são as paixões básicas do homem e que motivam todas as suas ações, sendo que o medo é causado pela probabilidade de algo que venha a causar algum mal e esperança é a espera de que algo bom venha a ocorrer.

Por meio da passagem citada é possível perceber que a deliberação é tomada de decisão de realizar o apetite desejado, com auxílio da razão o homem decide satisfazer ou não os apetites/aversão conforme forem melhores para si. Sendo o homem hobbesiano guiado pelo princípio do benefício próprio, ele decide deliberar conforme for melhor para a sua própria conveniência. Segundo Hobbes (2020, p. 63), “na deliberação, o último apetite ou aversão imediatamente próxima da ação ou da omissão correspondente é o que chamamos de VONTADE, ato (e não uma faculdade) de querer”. Ou seja, a deliberação é comumente chamada de vontade é o princípio da ação humana. Hobbes diz que vontade e apetite são a mesma coisa, apetite é início do movimento vital ainda não calculado e a vontade é a deliberação em relação ao objeto desejado, ou seja, da vontade segue-se o ato de deliberar racionalmente em direção ao objeto desejado.

Na deliberação, segundo Hobbes, a paixão tem o papel fundamental de levar o homem a agir, pois são os apetites e aversões que determinarão se o homem buscará o objeto desejado ou fugirá de algo temido. Nem toda ação requer deliberação; muitas vezes o homem age imediatamente levado pelo apetite ou aversão que se apresenta, quando, por exemplo, está com muita sede e vê um rio próximo e sem nenhuma deliberação sobre o assunto se precipita sobre a água; ou quando se depara com uma fera e foge imediatamente com medo do dano que aquele animal possa lhe causar. (Gancho, 2005, p. 63).

O objetivo primeiro do homem hobbesiano é manutenção do seu movimento vital conduzido pela paixão do medo, e através da paixão/esperança ele objetiva conseguir uma vida que ele considera boa e agradável “Alcançar os bens ou os fins desejados por meio de movimentos determinados pelo apetite ou pela aversão é o que Hobbes chama de poder” (Gancho, 2005, p. 61). O homem não deseja apenas satisfazer suas necessidades básicas de manutenção da vida, é característica do homem em Hobbes uma busca por valorização dentre ou outros indivíduos “Não é apenas a busca de satisfação das necessidades do corpo, como sede e fome, que fazem o homem agir; coisas como “poder”, “glória” e “honra” também são causas da ação dos homens” (Gancho, 2005, p. 66). Desta forma, é evidente que toda a estrutura do homem hobbesiano se movimenta para o alcance de seus objetivos pessoais.

Por isso, está manifesto que não apenas as ações voluntárias têm seus princípios na cobiça, na ambição, no desejo e noutros apetites relacionados à coisa proposta, mas também todas aquelas que têm início na aversão ou no temor das consequências que sucedem a omissão, que são chamadas de ações voluntárias. (Hobbes, 2020, p. 64)

As paixões humanas é que dão origem a guerra de todos contra todos para Hobbes, conceito que será melhor trabalhado no capítulo seguinte. Para adiantar o assunto, a guerra de todos contra é condição que o homem se encontra em disposição a guerrear para conseguir suas vontades, antes da organização social através do contrato, as paixões para Thomas Hobbes estão no cerne da violência que causa a guerra de todos contra todos. Por isso, Hobbes se dedica a estudar de que maneira as paixões das sensações conduzem o homem a deliberação.

Ao entender o que determina as ações do homem em Hobbes, podemos concluir que o homem hobbesiano é um indivíduo que deseja ter perto de si aquilo que considera bom e quer distância daquilo que considera ser um mal para a realização dos seus planos e preservação da sua vida. A definição de bem e de mal é, então, definida pelo próprio indivíduo que julga, a pluralidade dos homens não permite uma universalidade de definição daquilo que seja bom ou ruim. Por isso, Hobbes chama a atenção para o fato de que no estado natural do homem o bem

individual que os indivíduos procuram pode não ser um bem coletivo. É possível perceber que na teoria das paixões hobbesianas ele explica que as paixões humanas são desejo perpetuo de perseguir poder, elas encaminham os homens à busca de poder. Se o homem não controlar suas paixões, o homem é levado a guerrear.

### **3.3. Virtudes Intelectuais**

Sabendo que a construção filosófica de Hobbes baseia-se na crítica ao princípio aristotélico de que o homem seja um animal político essa crítica é essencial para que se sustente a tese de que a sociedade não nasce de maneira natural, visto que para Hobbes o homem não é naturalmente encaminhado a viver em sociedade, mas sim nordeado pra vida em sociedade pelo fato de racionalmente prever que essa é a condição de sua preservação e uma boa vida. Por esse motivo precisa estabelecer com demais um contrato. Hobbes precisa criticar a tradição Aristotélica para que se justifique não somente o nascimento do estado pelo contrato, mas também que esse estado seja maior e mais poderoso que os indivíduos capazes de conter suas paixões.

Em discordância com Aristóteles, Hobbes mostra em seu método que os homens são incapazes de serem educados para virtude, pois sem um estado mediador de suas paixões eles se digladiam por conta de sua condição de medo da morte e de sempre colocar suas vontades acima de tudo. Em todas as ações dos homens eles só buscam seus próprios benefícios. Então, em nome do princípio do benefício próprio Hobbes nega não apenas a política, mas a também a ética aristotélica.

Inicialmente é possível perceber acordos na filosofia de Hobbes e de Aristóteles. Haja vista que os dois colocam o desejo humano no centro da discussão acerca da natureza do homem, tanto quanto estabelecem que a razão também tem papel central na natureza dos homens, haja vista que o que difere os homens dos outros animais. Com isso não negligenciam o papel das paixões humanas no tema virtude. “Desejos são constitutivos da alma e são, em alguma medida, o motor da ação. Sem eles, qualquer homem seria inerte, sem vida, enfim, incapaz de ação”. (Frateshi, 2008, p. 3). Tanto Hobbes quanto Aristóteles sabem que não é possível uma virtude livre de emoções.

Para Aristóteles o prazer é nascido com o homem, e é possível educar o prazer do homem para que se sinta bem ao agir virtuosamente, já para Hobbes o prazer é algo bom pra

os homens e tudo que o homem hobbesiano percorre é em direção aquilo que lhe faz ou cause bem. “Enquanto motor da ação, o desejo segue uma emoção ou paixão que é, por sua vez, resultado de uma alteração no sujeito que tem origem numa opinião, imaginação ou juízo”. (Frateshi, 2008, p. 4). Hobbes e Aristóteles concordam que prazer tem papel fundamental no agir humano. No entanto, Hobbes discorda que homem agi virtuosamente e sente prazer em praticar tal ação virtuosa, ou seja, o desdobramento ético é ponto de divergência. Se por um lado Hobbes acredita que o desejo é determinante para ação, ele não vincula prazer de agir bem a com virtude.

Para justificar a permanência do leviatã ele precisa recusar a possibilidade da educação do prazer, do desejo ou da emoção e, ao mesmo tempo, enfraquecer o papel da razão e da deliberação na determinação da ação. O caráter repressivo do Estado é justificado na medida em que compensa a falência do projeto aristotélico de educação para a virtude. (Frateshi, 2008, p. 4)

Para toda a filosofia o homem vive em busca da felicidade, o homem sempre está se movimentando em busca do bem que neste caso é um ideal de vida feliz, neste sentido tanto Hobbes Quanto Aristóteles trabalha o movimento do homem em direção a felicidade. Em Aristóteles a felicidade se reflete no sumo bem, já em Hobbes a felicidade é busca pelo que pode proporcionar a felicidade. “O Sumo Bem, por sua vez, é um fim que desejamos por si mesmo, e tudo o mais é desejado no seu interesse.” (Frateshi, 2008, p. 5) Tanto em Hobbes quanto Aristóteles é preciso usar a razão para ser feliz, em Aristóteles quanto mais o homem adquire conhecimento naturalmente adquire felicidade. Em Hobbes o homem usa da razão para conseguir suas ideias suas ideias de vida.

A felicidade é o sentido último das ações, e atingir a sua potencialidade em cada ação deve ser o ideal de vida virtuosa segundo a concepção aristotélica. Para Aristóteles, a felicidade é alcançada através das virtudes éticas, através da mediania, ou seja através do equilíbrio das ações, o homem deve encontrar uma justa medida. “meio termo situa-se entre o excesso e a falta e pode ser encontrado tanto no que diz respeito às paixões quanto às ações” (Frateshi, 2008, p. 7).

O radicalismo leva ao erro., A razão deve equilibrar os apetites e extintos. Para encontrar a Eudaimonia que para Aristóteles é plena realização do ser, ou Sumo Bem. Por isso o homem deve ser educado para educação virtuosas.

A virtude é, pois, uma disposição de caráter que determina a escolha de ações e

emoções e que consiste, essencialmente, na observância do meio termo relativamente a nós, o qual é, por sua vez, determinado pelo princípio racional.” (Frateshi, 2008, p. 8)

Essa educação se faz necessária não apenas porque há uma relação de determinação entre desejo e ação, mas também porque é marca distintiva do homem virtuoso não apenas agir virtuosamente, mas, como vimos, sentir prazer ao praticar ações nobres, justas, virtuosas. (Frateshi, 2008, p. 7)

Em Suma, para Aristóteles a virtude (aretê) é caminho para a felicidade (Eudaimonia) Virtude é realizar bem suas ações, dar o melhor de si, com isso não significa que exista um padrão de excelência, mas sim fazer bem o melhor em suas possibilidades. A excelência para ser excelência tem que ser um hábito. Virtude éticas tem que ser comum a todos os homens e essa encontra-se em extremos condenáveis, é preciso então encontrar a mediania, obvio que exige esforço para o alcance da felicidade, pois o homem tende as suas paixões que são contrarias a justa medida.

Hobbes e Aristóteles são antagônicos nesta temática, tendo em vista que para Hobbes se os homens forem largados em sua sorte ele se revela o lobo do homem, a sociedade é então artificialmente criada através da razão com o instituto de poder incuti medo nos indivíduos.

Hobbes substitui toda tradição aristotélica que concebe a natureza humana como sendo política, por sua teoria do movimento, com isso ele entende que as ações humanas não se baseiam em uma casualidade final mas sim em casualidade eficiente, essa modificação é necessária para que se chegue a sua definição de que o homem está sempre em busca da felicidade, a felicidade é então obtenção continuada e bem-sucedida do objeto do desejo, desapareci então a ideia de sumo bem, e os homens passam a estar incessantemente em busca de objetos de desejos provisórios “Com isso Hobbes concluirá que a felicidade, tal como definida por Aristóteles, é mera utopia” (Frateshi, 2008, p. 9)

Hobbes nos mostra com isso que como nunca podemos deixar de desejar, e o desejo sempre tem como premissa um fim mais distante (obter algo que não temos no momento), a felicidade não é um bem supremo, mas é a possibilidade de se atingir continuamente o objeto de desejo

No limite, todas as ações, coisas e pessoas são tratadas pelo indivíduo como meios, isto é, como instrumentos para a sua preservação e satisfação, de modo que o valor das ações, coisas e pessoas deriva do fato dos indivíduos as julgarem úteis para esse fim (Frateshi, 2008, p. 10).

A virtude é em Hobbes é algo que é valorizado e estimado pelos homens, a grande mudança que a modernidade trouxe para esse tema da virtude é que a agora não se trata de virtudes éticas, mas sim virtudes intelectuais. Hobbes fala que essas virtudes podem ser naturais ou adquiridas, sendo que por natural não significa que nasceu com homem, mas que homem pode alcança sem um método de estudos.

Esta sagacidade natural é segundo Hobbes (2020, p. 71) “consiste principalmente de duas coisas: celeridade de imaginação (quer dizer, naquilo que diz respeito à sucessão de um pensamento após o outro) e pronta resposta até alcançar um fim proposto”. Ou seja, um homem é sagas quando se tem uma boa imaginação. Uma Virtude adquirida com método instrução é a que o Hobbes dá o nome de Discrção, que consiste em ter um bom discernimento das situações, ou seja, fazer um bom julgamento das situações.

## 4. NATUREZA E SOCIEDADE NO LEVIATÃ

### 4.1. Dos indivíduos

Como já foi dito em tópicos anteriores, a modernidade trouxe para a reflexão filosófica o problema da pluralidade humana, e com isso é complexo determinar o que impulsiona as ações de cada homem. Para suplantar tal problema, Hobbes apresenta sua teoria acerca do funcionamento natural dos corpos, através de sua abordagem mecanicista acerca dos processos cognitivos, seguindo com sua explicação a respeito do que provoca as ações e reações humanas. Com isso Hobbes desenvolve a base para sua tese da condição natural do ser humano, para então compreender o porquê de os homens agirem de determinada maneira.

Em outros termos: para conhecermos as paixões humanas não cabe sondar os corações dos homens, suas intenções íntimas e secretas, que não nos são dadas a conhecer, e sim descobrir uma espécie de lógica do comportamento, o que faz com que em certas circunstâncias nos comportamos de uma De determinada maneira. É preciso descobrir o que determina e explica nosso modo de agir (Limongi, 2002, p. 16)

De acordo com Hobbes, não tem nada na natureza do homem que justifique que eles tenham posições de poder diferentes. As relações de subordinação observadas nas sociedades, são criadas a partir de pactos sociais e não naturais, ou seja, são relações artificiais. Portanto, é apenas produto da vontade humana. As diferenças encontradas são compensadas pelas próprias singularidades. Desta forma, é evidenciado por Hobbes que os homens são iguais, pois é justamente as particularidades em alguns homens que compensam as peculiaridades presentes em outros. E por este motivo, Hobbes defende que não se justifica ninguém ser considerado melhor.

A NATUREZA fez dos homens iguais nas faculdades corporais e mentais; apesar disso, é possível, às vezes, encontrar um homem manifestamente mais forte no corpo ou rápido na mente do que outro; ainda assim, quando tudo é considerado simultaneamente, a diferença entre homem e homem não é tão considerável, de maneira que alguém possa reclamar, com base nela, para si mesmo, um benefício qualquer que outro não pode aspirar com ele. Com efeito, quanto à força corpórea, o mais débil tem bastante força para matar o mais forte, ainda que ocorra mediante maquinação secreta ou confederando-se com outros que se encontram diante do mesmo perigo. (Hobbes, 2020, p. 117)

Ao longo da história observamos grupos serem colocados como menos inteligentes e

atrasados. Mesmo atualmente, parte da sociedade, considera pessoas com deficiências, mulheres, negros, LGBTQI+, indígenas e outros grupos pertencentes às minorias sociais, menos capazes de exercer cargos de poder. Essa é uma visão ultrapassada, tendo em consideração que, além do fato de que a sociedade é quem pondera a importância dada às singularidades dos indivíduos, inteligência é uma faculdade da mente humana que é construída através das experiências, ou seja, é construída através dos anos, mediante as condições de possibilidade vivenciadas por cada pessoa.

Para Hobbes, a concepção da existência de desigualdade humana é essencialmente uma incoerência. Haja vista que, e como já foi explicitado, “os homens são naturalmente iguais, porque possuem as mesmas capacidades de corpo e de espírito, eles têm a esperança de poder conseguir para si o mesmo que os outros.” (Limongi, 2002, p. 17). No que diz respeito às faculdades do corpo humano, o mais fraco pode ainda derrotar o mais forte através de estratégias mentais, ou ainda por alianças. Que, segundo Hobbes, é umas das melhores fontes de se obter força, no que diz respeito ao intelecto os homens são ainda mais semelhantes pois possuem capacidades iguais de escolha. Em outras palavras, a humanidade possui habilidades diferentes compensadas pelas limitações diferentes. Hobbes explica:

Desta igualdade de capacidade deriva a igualdade de esperança quanto à consecução de nossos fins. Esta é a causa de que se dois homens desejam a mesma coisa, e de forma alguma podem desfrutá-la ambos, tornam-se inimigos, e no caminho que conduz ao fim (que é, principalmente, sua própria conservação e ao seu deleite tão somente) tratam de aniquilar-se ou subjugarem-se um ao outro. (Hobbes, 2020, p. 118).

Os homens possuem em sua natureza uma igualdade recíproca e, assim como os demais corpos naturais, almejam a preservação do seu movimento vital. Segundo Limongi (2002, p. 17) “A circunstância que explica nossas paixões e nosso comportamento natural é, segundo Hobbes, a igualdade natural entre os homens.” Ao longo da proposta antropológica, o autor contesta toda ideia de que exista uma desigualdade natural, como, por exemplo, a defendida em Aristóteles. Contesta que exista uma desigualdade intelectual, uma desigualdade entre gênero, uma desigualdade natural dentro da família e por consequência uma desigualdade política. Em outros termos, para Hobbes os homens são iguais por natureza. Essa igualdade natural é, segundo Mattos (2022), o que vem ocasionar entre os homens o estado hostil e desagradável. Que culmina no conhecido estado de guerra.

O homem hobbesiano partilha da esperança de conseguir não apenas a sobrevivência,

mas também uma vida de deleite, ou seja, uma vida agradável segundo seu próprio entendimento do que seria uma boa vida. Ora, mas se todos partilham da natural igualdade de capacidades e desejam igualmente uma boa vida, é razoável supor que, no caminho da concepção de seus desejos, dois homens desejam as mesmas coisas e não puderem juntamente desfrutar de seus objetos de desejos é possível que neste percurso esses homens se tornassem inimigos e buscassem aniquilar e subjugar um ao outro.

Realmente, se os homens se consideram igualmente capazes, estes julgam-se também igualmente esperançosos quanto ao alcance dos seus fins. Essa expectativa, por sua vez, expõe uma situação de insegurança e inimizade entre os homens, ocasionada pela igualdade quanto à esperança de se atingir os mesmos fins, a qual, por sua vez, torna-se impossível ser desfrutada por ambos. (Mattos, 2022, p. 105-106)

Hobbes correlaciona a ideia de segurança especialmente àquela que só pode ser gozada entre os altos muros da propriedade privada com o que seria as condições de possibilidade de uma vida boa e agradável, ao fazer esta relação Hobbes destaca que somente será possível o desenvolvimento das faculdades mentais e deleite se houver a estabilidade de vivenciar tais coisas. O homem busca então, em primeiro lugar, aquilo que ele considera ser bom para ele, e afasta, tudo aquilo que ele considera que seja prejudicial. As concepções de bom e ruim podem ser subjetivas, porém, o medo da morte é universalmente atribuído a todos os homens.

Daqui provém a ideia a ideia de que um invasor não teme outra coisa que o poder singular de outro homem; se alguém planta, ara, constrói ou possui um assento conveniente, é provável esperar que outros possam se preparar com forças unidas para dispô-lo ou privá-lo, não apenas dos frutos de seu trabalho, mas também de sua vida ou liberdade. E o invasor novamente enfrenta o mesmo grau de perigo quanto aos outros. (Hobbes, 2020, p. 118).

Na busca competitiva pela felicidade e manutenção da existência, os homens passam a trazer para perto aquilo que os faça conquistar esse objetivo e que lhes traga o sentimento de segurança, e ataca aquilo que ele considera ser obstáculo. A discórdia é iminente e gera um sentimento de competição que faz com que o homem ataque para conseguir seu ganho, gera também uma desconfiança, que faz com que os homens ataquem no intuito de garantir sua segurança e gera também o desejo pela glória que faz os homens subjugar uns aos outros para

Ao olhar para dentro de si e se perceber enquanto indivíduo capaz de fazer tudo para

satisfazer suas paixões, o homem na concepção hobbesiana, compreende que assim como ele é capaz de fazer de tudo para realizar seus anseios, assim também, o outro o fará. Gerando mútua desconfiança. Sob essa perspectiva, é natural que o indivíduo passe a temer as invasões do outro, já que se reconhece capaz de invadir, roubar e subjugar. Segundo Mattos, “a questão da segurança torna-se uma preocupação fundamental do propósito empreendido por Hobbes” ( Mattos, 2022 p. 97). Portanto, sendo o homem em Hobbes um ser guiado pelo medo da morte violenta e da violação dos seus bens, desconfia de tudo e de todos para sua autoproteção. “Em princípio, a concepção geral de segurança a qual Hobbes concebe é aquela relacionada à preservação do movimento vital, ou seja, a preservação do estado de movimento interno” (Mattos 2022 p. 97).

Ao passo que o homem compreende que os outros homens são iguais a ele e, portanto, capaz de possuir o mesmo desejo, passam a considerar o outro como inimigo. E por terem uma natureza que age sempre em benefício próprio, toda vez que consideram que algo ou alguém é um percalço para seus planos, tratam de torná-los inimigos e objetivam subjugar. Desta lógica surgem os conflitos humanos, Hobbes em seu trabalho acerca das condições para se obter felicidade e também o caminho para a miséria humana nos apresenta as três causas da discórdia entre os homens.

A primeira trata da competição, constante busca de benefícios que garantam sua felicidade e preservação da sua vida, os homens competem entre si para obtenção de poder que lhe garanta seus objetivos. e então invadem e subjagam-se com o intuito único de ganho de poder. Segundo Mattos, (2022, p.108), “A competição faz os homens usarem a violência para dominarem o maior número possível de homens, oprimindo-se até que não haja nenhum outro poder para ameaçá-los”.

Ademais, os homens não experimentam prazer algum (porém o contrário, a saber, um grande pesar) em guardar companhia onde não existe um poder capaz de impor-se a todos eles. Com efeito, cada homem pensa que seu companheiro irá avaliá-lo da mesma maneira que ele o faz consigo mesmo: e, acima de todos os sinais de desprezo, ou subestimação, naturalmente empreende, tanto quanto possível (e como entre eles não ha poder comum para mantê-los quietos, isto é o suficiente para fazê-lo destruírem-se uns aos outros), medidas para extorquir um grande valor de seus contendores, afligindo-lhes algum dano, e pelo exemplo, dos demais. (Hobbes, 2020, p. 119)

Hobbes destaca mais uma vez que segundo a igualdade natural presente nos homens, aqueles que são capazes de invadir passam a temer a invasão e por isso não obtém prazer da

companhia uns dos outros, essa mutua desconfiança que é a segunda causa da discórdia entre homens, faz com que os mesmos estejam sempre em estado de alerta antecipando-se de ataques. Por aqui, é possível ver que Hobbes quer demonstrar que o medo da morte violenta intrínseco a natureza do homem hobbesiano e torna-o cativo da necessidade de um poder soberano que lhes garanta segurança de uma existência agradável.

Por sua vez, a desconfiança faz com que os homens desenvolvam antecipação de ataque e defesa; estes mecanismos servem para que o homem projete situações futuras desfavoráveis, a fim de não apenas conservar a sua vida, através do acúmulo de bens e poderes presentes, mas também para a obtenção de poderes e bens futuros. (Hobbes, 2020, p. 108)

A terceira causa da discórdia entre os homens é a vanglória. O Homem hobbesiano necessita ser estimado pelos demais, a necessidade de vanglória diferente das duas primeiras causas da discórdia, não é um elemento necessário a auto preservação, ou seja, não advém da razão, Hobbes diz que, assim como a segunda causa, é uma frivolidade, ou seja, fruto do egocentrismo humano.

Enquanto as duas primeiras causas do conflito são provenientes da razão, o desejo de glória é fruto das paixões humanas ou naturais. O desejo de glória que os homens possuem, observa Hobbes, é o desejo de ser avaliado positivamente pelos outros homens, e da forma violenta como reagem quando, ao invés de elogios, recebem de seus companheiros somente desprezo e depreciação de seu poder (Mattos, 2022, p 109).

A consequência da discórdia gerada por este constante estado de competição, desconfiança e busca pela glória, culmina na guerra de todos contra todos. Hobbes destaca que o estado de guerra consiste não somente no batalhar em si, mas também no desejo e disposição por guerrear. Durante este período não há paz.

A vida do homem nesse momento é triste, não se pode almejar um futuro, porquanto, o que se quer é apenas a sobrevivência, não se pode almejar a evolução científica, cultural, social ou de qualquer experiência, já que se está garantindo a sobrevivência. A concepção de justo e injusto, nesse estado de guerra é relativizada, portanto, é um estado de calamidade. Nesses tempos de guerra o medo marca a vida humana. Os homens vivem sem segurança a não ser a própria força e sua criatividade. Não há desenvolvimento de ciência, nem de artes, agricultura, ou em qualquer área do conhecimento humano. A vida do homem é, então, pobre, solitária, embrutecida e curta.

Em uma guerra de todos contra todos, conseqüentemente nada pode ser injusto. As noções de direito, de legalidade, justiça e injustiça estão fora de lugar. Onde não há poder comum, a lei não existe. Onde não há lei, não há injustiça. Na guerra, a força e a fraude são duas virtudes cardeais. A justiça e a injustiça não são faculdades nem do corpo, nem do espírito. (Hobbes 1651, p.20-21).

Diante do que foi exposto é razoável concluir que a situação de guerra é estado de miséria e insegurança a qual coerentemente os homens desejam sair, a necessidade de segurança, e a esperança em obter conforto e realização pessoal faz com que os homens desejem a paz.

Com tudo isso, é manifesto que, durante o tempo em que os homens vivem sem um poder comum que os aterrorize a todos, coloquem-se na condição ou estado que se denomina guerra; uma guerra tal que é a de todos contra todos. Porque a GUERRA não consiste apenas no ato de batalhar ou ato de lutar, mas se dá durante o tempo em que a vontade de lutar se manifesta de modo suficiente (Hobbes, 2020, p. 119).

As paixões que inclinam os homens à paz são o temor da morte, o desejo das coisas que são necessárias para uma vida confortável e a esperança de obtê-las por meio do trabalho. A razão sugere que são adequadas às normas de paz, as quais podem chegar aos homens por mútuo consenso. Estas normas são as que, por outra parte, se chamam de leis da natureza: vou me referir a elas, mais particularmente nos dois capítulos seguintes (Hobbes, 2020, p.122).

#### **4.2 Direito Natural e Leis naturais**

Anterior ao estabelecimento das relações contratuais diante do poder soberano do estado, no momento em que a convivência social é pautada pelos mandamentos da natureza. Os homens precisam seguir algumas regras para garantir a sobrevivência. Hobbes apresenta e discute acerca dessas leis naturais humanas e do direito do homem que também é inerente à sua própria natureza. Sem as relações contratuais de uma sociedade organizada juridicamente sob o poder de um soberano, é implicitamente garantido a liberdade de poder fazer uso de qualquer subterfúgio que lhe preserve a vida segundo seu próprio julgamento. Segundo Hobbes (2020), este poder é O DIREITO DA NATUREZA a qual os escritores usualmente chamam de *Jus naturale*. “Hobbes estabelece que, por natureza, temos o direito ou a liberdade de escolher segundo o nosso próprio juízo a maneira de empregar nosso poder a fim de garantir as condições de nossa existência. Nisso consiste nosso direito natural” (Limongi, 2002, p. 36.).

De acordo com o espírito do seu tempo, Hobbes compreende o ser humano como um ser natural condicionado às leis que regem a natureza, sua teoria é, segundo Bernardes (2002, p. 15), “mecanicista e materialista, que defende a tese de que a realidade é constituída por

matéria e movimento e condicionada pela lei de inércia”. Dessa forma, é seu direito por natureza a liberdade de poder agir segundo seu próprio entendimento sem qualquer impedimento quando for necessário proteger sua própria existência. Já o fundamento racional que impede o indivíduo de realizar ações que arruinem sua vida ou que não sejam para sua autopreservação é a chamada Lex Naturalis, ou Lei da natureza.

O princípio primeiro do homem hobbesiano é preservar seu movimento vital, sua busca constante é a realização dos seus prazeres, por isso suas paixões (medo e esperança) os inclina para longe da guerra, já que a guerra representa um estado de sofrimento e angústia. É certo que por direito natural o homem pode fazer tudo que quiser para se proteger, mas a lei natural lhe impulsiona a buscar a melhor maneira. “Nesse sentido, a razão (ou as leis de natureza descobertas por ela) nos obriga, primeiramente, a procurar a paz. Este é o conteúdo da primeira e fundamental lei da natureza, da qual se seguem todas as outras” (Limongi, 2002, p.29.). Assim, Hobbes define o direito como sendo a liberdade do ser humano realizar ou deixar de realizar aquilo que lhe convém e a lei natural é razão que lhe obriga a não se autodestruir guiados apenas por seus instintos naturais. “Assim sendo, enquanto esse direito natural de todo homem a tudo perdurar, não pode haver a segurança de nenhum homem (independente de quão forte ou sábio ele seja) de viver além do tempo que a natureza ordinariamente permite que os homens vivam.” (Hobbes, 2020, p.124)

A afirmação largamente difundida de que estado de natureza humana seja um estado de guerra, leva a supor que com isso Hobbes queira dizer que a humanidade é incapaz de se relacionar, ou estabelecer vínculos, no entanto, essa conclusão é simplória, haja vista que, o que Hobbes indica é que o homem está disposto a guerrear caso seja necessário, mas sua natureza lhe impulsiona justamente para paz, haja vista que como se sabe a guerra é um estado de agonia a qual ninguém deseja passar.

No entanto, Hobbes não diz que em sua condição natural os homens não se encontram em relações. Nem mesmo diz que nossa condição natural é uma condição de guerra de todos contra todos, mas simplesmente que este é o horizonte último de nossas relações naturais, ou seja, que nossas relações naturais são de uma modalidade tal que tendem a se dissolver numa guerra de todos contra todos ou na completa desintegração da vida social. Cabe assim entender qual é essa modalidade de relação e no que ela se distingue de nossas relações civis (Limongi, 2002, p. 34.).

Sob esse viés é razoável dizer que os homens se organizam em sociedade independente do estado, porém as relações são, neste caso, estabelecidas fora do contexto civil. Conforme o que Hobbes apresenta: A razão natural inerente aos homens os obriga a

procura ou demonstração de desejo de obtenção da paz se essa for o horizonte viável. “O primeiro ramo dessa regra contém a primeira e fundamental lei da natureza; isto é, buscar a paz e segui-la. O segundo, em suma, do direito da natureza, a saber, que possamos nos defender com todos os meios” (Hobbes, 2020. P, 124). O homem deve então buscar a paz e segui-la ainda que use de artifícios de guerra.

A modernidade encontra o grande problema da diversidade de interesses. Sendo os humanos seres tão plurais, como seria possível confiar que pessoas não planejam contra a vida e propriedade uma das outras? Esse estado de desconfiança faz com que o homem movido pelo medo de ser atacado e a esperança de obtenção da paz derive a segunda lei natural, que consiste em renunciar ao seu direito natural que, segundo Hobbes (2020, p. 125) “Renunciar o direito a certa coisa é despojar-se da liberdade de impedir o outro do benefício do próprio direito ou da coisa em questão”, ou seja, abdicar da liberdade de fazer tudo quanto necessário para sua preservação e passar a dispor da mesma liberdade que os indivíduos que estão sob o mesmo contrato se assim ele considerar que obterá a paz. Esta renúncia é necessária à obtenção da paz visto que “enquanto todo homem detiver o direito de fazer qualquer coisa que deseje, todos os homens permanecerão na condição da guerra” (Hobbes, 2020 p. 125).

Obviamente que o indivíduo hobbesiano jamais renunciaria ao seu próprio direito à natureza se não existe uma ação recompensadora para ele. Por esse motivo Hobbes exemplifica que nenhuma pessoa irá renunciar ao direito de defender-se em caso de ataque contra a vida, cárcere ou ferimentos, pois isso não traz benefício, ou seja, tudo que atente a segurança não poderá ser transferido. Em vez disso, o que fazem, segundo Hobbes, é “se afastar do caminho do outro para que este possa gozar de seu próprio direito original sem obstáculo e sem impedimento alheio” (2020, p. 125).

A racionalidade nos obriga a procurar a paz e segui-la, com isso não significa que os homens sempre queiram a paz, o homem possui mais paixões que o medo e esperança, o ódio ou desejo por vingança afasta do homem o desejo de paz, das complexas paixões dos homens segue-se a necessidade do ato contratual. Segundo Limongi (2002, p. 32), “Num contrato, estamos obrigados a emitir aos outros signos coerentes de nossa vontade e, por isso, estamos obrigados a agir de acordo com a palavra dada, ainda que nossa vontade venha a se alterar nesse meio tempo.

Da mesma maneira que a guerra se alimenta da suposição de que os homens têm

motivos para competir, desconfiar, enganar, a paz se alimenta da suposição de que aqueles com quem nos relacionamos a desejam, pois só assim teremos motivos para agirmos nós mesmos no sentido da paz e não da guerra. A paz exige reciprocidade. Daí a necessidade de demonstrarmos aos outros que a queremos. Estabeleceremos e cumpriremos contratos, seremos gratos, complacentes etc. (Limongi, 2002 P. 31)

Para obtenção da paz, o homem transfere seu direito natural. A transferência de direito é um ato voluntário ao qual o homem se submete na esperança de ser reciprocamente recompensado pelas transferências dos demais. Ou seja, para que o homem abandone por transferência ou renuncie a liberdade individual natural é necessário um acordo de mútua transferência. " A mútua transferência de direitos, é o que os homens chamam de CONTRATO" (Hobbes, 2020, p. 127). Este contrato é o pacto ou convenção feita pelos indivíduos por meio de transferência ou renúncia de direitos com intuito de obtenção da paz.

Os sinais do contrato são ou expressos ou por inferência. Expressos são palavras ditas com compreensão do que elas significam: e tais palavras estão ou no tempo presente ou no pretérito; como Eu dou, Eu garanto, Eu dei, Eu garanti, Eu desejo que isso seja teu; ou no futuro, como Eu darei, Eu garantirei: cujas palavras do futuro são chamadas de PROMESSA. (Hobbes, 2020, p. 27- 28)

Hobbes nomeia e apresenta diversos tipos de contratos. Deixa claro que qualquer pacto é nulo se não houver o consentimento de ambos os contratantes, por isso não é possível fazer pacto com animais já que os mesmos não podem se comunicar com os humanos e também não é possível fazer um pacto com divindades, a não ser que seja com um mediador para saber se esse pacto foi cumprido. O tempo do cumprimento destes contratos são acertados pelos contratantes.

Fazer convênios com bestas brutas é impossível, pois sem compreender nosso discurso, elas não entenderão ou aceitarão qual quer traslado de direito, nem mesmo podem transladar qualquer direito a outrem: e sem a mútua aceitação, não há convênio. (Hobbes, 2020, p. 130)

O pacto é uma convenção social obrigatória que precisa ser cumprida, pois o pacto é uma prisão e para libertar-se o indivíduo precisa comprar ou ser perdoado da dívida. A razão natural descrita por Hobbes, nos obriga ao cumprimento das leis naturais, ainda que os homens sejam livres por natureza e indivíduos com diversas paixões por vezes nocivas a própria existência. A racionalidade intrínseca ao desejo de auto preservação encaminha e obriga ao cumprimento dos pactos "Hobbes não nos pede que deixemos de experimentar esta paixão, e nem poderia, pois é categórico ao afirmar que não somos livres para escolher nossas

paixões e nossa vontade” (Limongi, 2002 p. 30).

Os homens são libertos de seus convênios de duas maneiras: ao empreendê-las ou sendo perdoados. Pois o empreendimento é o fim natural da obrigação; e o perdão, restituição da liberdade, ou seja, na reta transferência daquele direito no qual a obrigação consistia. (Hobbes, 2020, p. 131)

Para Hobbes a ausência de uma instância superior aos contratantes que imponha o cumprimento do pacto pode culminar na nulidade do pacto caso uma das partes suspeite que a outra não cumprirá o acordo. A necessidade de uma força que seja superior a palavras faz com os homens instituem uma força corretivas que regulem as paixões humanas.

Daí Hobbes nos dizer que só no interior do Estado as leis de natureza são obrigatórias, na forma de uma obrigação civil e não simplesmente natural. Em nossa condição natural, as leis de natureza obrigam apenas a nos esforçarmos para que se tornem efetivas, ou seja, a nos comportarmos no sentido de mostrar aos outros que queremos a paz, ainda que, na falta da garantia de que os outros também a queiram, não estejamos obrigados a agir invariavelmente de acordo com tal princípio. Apenas no interior do Estado civil, sob a garantia da reciprocidade, estamos em condições de observá-lo inteiramente, construindo um comportamento que signifique perfeitamente uma vontade de paz (Limongi, 2002, p. 31).

Da terceira lei da natureza deriva a justiça, ela determina que: se os homens fazem pactos para garantia da paz é razoável que esses pactos sejam cumpridos, caso contrário, a humanidade retorna ao gozo do direito natural: todos têm direito sobre todas as coisas e obviamente o estado de guerra de todos contra todos. Se do cumprimento dos pactos deriva a justiça, do não cumprimento advém a injustiça. Hobbes indaga que para que os pactos sejam cumpridos e se faça justiça é necessário um poder civil que obrigue o cumprimento dos pactos. Desta forma, Hobbes evidencia que na ausência do estado é impossível ter justiça ou injustiça haja vista que perdura o direito natural. É necessário um estado que seja regulador das paixões humanas.

Hobbes continua descrevendo as leis que a natureza produz para que seja cumprida o objetivo primeiro que é a busca e manutenção da paz. O conteúdo da quarta lei da natureza trata da gratidão, expressa a necessidade de se honrar o que recebeu por de graça ou benevolência, para que o doador não se arrependa do que fez. A quinta lei preceitua que os indivíduos devem ser complacentes para com os demais, ou seja, serem flexíveis esforçados para conviver bem uns com os outros, para haja harmonia na sociedade.

A sexta lei versa do perdão. Para Hobbes é preciso que se saiba perdoar as pessoas que

estão arrependidas. A lei de número 8 consiste em não proferir ações ou discursos de ódio para que haja paz. Lei de número 9 refere-se ao reconhecimento dos outros como iguais em nome da paz. Não reconhecer os outros como iguais é para Hobbes orgulho e é causa de guerra. A lei número 10 advém da anterior, tem por objetivo nenhuma pessoa deve obter privilégio para si que não seja reservado aos outros.

Para que todos possam desfrutar igualmente de direitos, é necessária uma justiça distributiva que observe a necessidade de cada indivíduo com equidade. É notável que, o decorrer das leis propostas por Hobbes, encaminham ao entendimento que a observância das leis da natureza leva a humanidade ao caminho da paz. No geral, todas as leis em conjunto objetivam que o ser humano entenda que não é razoável fazer ao outro aquilo que não gostaria que fosse feito a si, a observância da máxima de que o direito do indivíduo termina quando o do outro inicia resumem o propósito das leis da natureza.

Para Hobbes, as leis da natureza constituem-se em ciência moral, haja vista que seu objetivo é tornar o homem apto a viver em sociedade e capaz de preservar seu movimento natural. As leis da natureza possuem uma obrigação interna haja vista que todo corpo busca preservar seu movimento vital e por elas este é um caminho racional, não obstante em foro externo essa obrigação nem sempre acontece, pois, os homens não podem obedecer a leis que não estejam sendo cumpridas pelos demais, para que não se coloquem em condição de presa que é contrario a sua natureza.

## **5. CONCLUSÃO**

A construção deste trabalho se deu em três partes importantes, a primeira busca na história da filosofia ocidental a compreensão antropológica acerca do homem à luz das interpretações clássicas. A segunda parte ocupa-se em reiterar o estatuto do homem hobbesiano, bem como suas formas de conhecer, suas vontades e suas virtudes. Na terceira parte discutimos a famosa tese de Hobbes a respeito da natureza e sua sociabilidade do homem moderno.

Embora o objetivo principal deste trabalho fosse conhecer a antropologia filosófica presente na primeira parte do *Leviatã*, considerei importante fazer uma rememoração histórica da antropologia filosófica no ocidente com base em Lima Vaz, procurando mostrar evolução acerca desta temática e principalmente como às interpretações vão se reinventando ou se

modificando ao longo da história. Foi possível ver que algumas problemáticas a exemplo do homem e o divino são trabalhados em diversos momentos da história.

O método investigativo de Hobbes buscou explicar primeiramente quem é o homem do qual ele irá falar para então explicar sua forma viver em sociedade. Foi possível perceber através da primeira parte do Leviatã, que o Homem em Hobbes possui uma moralidade naturalmente egoísta, haja vista que, Hobbes constrói a tese de que o homem é guiado pelo princípio do benefício próprio, pois seu objetivo primeiro é a preservação do seu movimento vital, diante disto todas as suas ações serão direcionadas para consecução deste fim.

E por fim a ultima parte buscou demonstrar que para que todos possam desfrutar igualmente de direitos, é necessária uma justiça distributiva que observe a necessidade de cada indivíduo com equidade. É notável que, o decorrer das leis propostas por Hobbes, encaminha ao entendimento que a observância das leis da natureza leva a humanidade ao caminho da paz. No geral, todas as leis em conjunto objetivam que o ser humano entenda que não é razoável fazer ao outro aquilo que não gostaria que fosse feito a si, a observância da máxima de que o direito do indivíduo termina quando o do outro inicia resumem o propósito das leis da natureza.

Para Hobbes as leis da natureza constituem-se em ciência moral, haja vista que seu objetivo é tornar o homem apto a viver em sociedade e capaz de preservar seu movimento natural. As leis da natureza possuem uma obrigação interna haja vista que todo corpo busca preservar seu movimento vital e por elas este é um caminho racional, não obstante em foro externo essa obrigação nem sempre acontece, pois, homem não pode obedecer a leis que não estejam sendo cumpridas pelos demais, para que não se coloque em condição de presa que é contrario a sua natureza.

## **6. REFERÊNCIAS.**

BERNADES, Júlio. **Hobbes e a liberdade:** . Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2022.

BARBOSA, Isaias Mendes. Antropologia filosófica vaziana: As concepções do homem na filosofia contemporânea e a categoria de pessoa logos & culturas: **Revista Acadêmica Multidisciplinar de Iniciação Científica.** Fortaleza, v. 1, n. 1, p.32 a 50, 2021.

MATTOS, Delmo. **Escritos sobre Thomas Hobbes:** política, ética e natureza. São Luís: MA: EDUFMA, 2022. 128 p.

FRATESCHI, Yara Adário. **A física da política: Hobbes contra Aristóteles**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.

FRATESCHI, Yara. Virtude e Felicidade em Aristóteles e Hobbes **Journal of Ancient Philosophy**. São Paulo: Vol. II, Issue 2 n. p.1-19, 2008

GANCHO, Mariana dos Anjos Vilares. Hobbes e uma teoria da ação humana. 2005. f.75. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, 2005.

HOBBS, Thomas. **Leviatã**: Matéria, palavra e poder de uma República eclesiástica e civil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

KLEINMAN, Paul. **Tudo que você precisa saber sobre filosofia**: De Platão e Sócrates, de Ética e Matemática até as ideias que ainda transformam o mundo. o livro essencial sobre o pensamento humano. São Paulo, Gente, 2014.

LIMONGI, Maria Isabel, **Hobbes**. Rio de Janeiro, Zahar, 2022.

LIMA VAZ, Henrique Cláudio de. **Antropologia filosófica I**. 12ª ed. São Paulo: Loyola, 1991.

MAGALHÃES, Fernando. **10 lições sobre Hobbes**. 1ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

NUNES, Paulo Henrique Faria. **O pensamento político de Thomas Hobbes**. Porto Alegre, Simplíssimo Livros, 2010.

RAMOS, Flamarion Caldeira; MELO, Rúrion; FRATESCHI, Yara. *et al.* **Manual de Filosofia Política**: Para os cursos de Teoria do Estado e Ciência Política, Filosofia e Ciências Sociais. Saraiva. 2012

SILVA, Hélio Alexandre da. **As paixões humanas em Thomas Hobbes**: entre a ciência e a moral, o medo e a esperança. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.